

UMA PERFORMER A MERGULHAR: FRICÇÃO ENTRE A TÉCNICA KLAUSS VIANNA E A FOTOPERFORMANCE

Carmen Estevez¹

RESUMO | ABSTRACT

Este ensaio compartilha reflexões sobre o processo criativo da autora em fotoperformances, relacionando-o com a Técnica Klauss Vianna e a pesquisa desenvolvida por Jussara Miller sobre quatro estados de atenção para a construção da presença cênica. Procura-se partilhar como a prática da Técnica Klauss Vianna pode aguçar e instigar o processo de criação artística da performer.

Palavras-chave: fotoperformance, Técnica Klauss Vianna, presença, performer.

This essay shares thoughts about the creative process of the author in photo performances, connecting it with the Klauss Vianna Technique and the research developed by Jussara Miller of the four attention's states for the construction of the scenic presence. It is aimed to share how the practice of Klauss Vianna Technique can sharpen and instigate the artistic creative process of the performer.

Keywords: photo performance, Klauss Vianna Technique, presence, performer.

ENCONTRO DE ÁGUAS

Jussara Miller, enquanto pesquisadora e criadora de trabalhos artísticos híbridos, nos quais diferentes linguagens se relacionam de maneira não hierárquica, aponta o corpo como protagonista, abrindo relações entre diferentes linguagens artísticas e, assim, fomentando novas reflexões e práticas. “Sempre quando nós falamos do diálogo em artes, em linguagens, sempre esse campo entre (...) eu vejo que o corpo é o grande catalisador, o grande ponto de encontro. E o corpo em experiência é tratado aqui como o corpo artista”².

O corpo como *protagonista*, em *experiência artística*, é o que move este encontro entre o processo de criação em fotoperformance³ e a Técnica

¹ Carmen Estevez é atriz e performer, graduada em Audiovisual pela USP e em Teatro pelo Centro de Artes Célia Helena. Especialista em Técnica Klauss Vianna pela PUC-USP.

² Palestra proferida por Jussara Miller, no MASP, no dia 06/06/20, por meio virtual, com o tema *Diálogos entre Dança e Artes Visuais: o corpo em experiência*. Disponível no canal do Youtube do Masp.

³ “Uma fotoperformance se estabelece como um trabalho performático autônomo, desvinculado do objetivo documental que o registro fotográfico possui. Neste caso a fotografia não é documento, mas o meio específico de apresentação pública da performance. Ela é entendida como uma performance, pois, embora o objeto artístico configure-se como imagem fotográfica, ele está centrado no corpo do artista, que no momento da captura da imagem esteve a performar diante da câmera. A fotografia é a finalidade da concepção da performance, a criação está elaborada em função do dispositivo fotográfico” (NEVES, 2012, p. 3 *apud* LEMOS, 2019, p. 26).

Klauss Vianna. A fotoperformance é entendida aqui como uma performance, sendo esta última vista como “um gênero multifacetado, de um movimento, de um sistema tão flexível e aberto que dribla qualquer definição rígida de ‘arte’, ‘artista’, ‘espectador’ ou ‘cena’” (FABIÃO, 2009, p. 238). De qualquer forma, o corpo também ganha evidência na performance:

Se o performer investiga a potência dramatúrgica do corpo é para disseminar reflexão e experimentação sobre a corporeidade do mundo, das relações, do pensamento. Refraseando: se o performer evidencia o corpo é para tornar evidente o corpo-mundo (FABIÃO, 2009, p. 238).

Assim, instigada pelas cores, gostos e cheiros das águas da Técnica Klauss Vianna, me aventuro a continuar mergulhando na criação de autorretratos performáticos inspirados em sonhos próprios⁴. Abraço o efêmero e me coloco em uma pesquisa *em arte*. Minhas fragilidades, incertezas, frustrações, suor, desejos e alegrias se mesclam. Não há como ignorá-los, eles fazem parte do processo de investigação. Diferentemente de um pesquisador sobre arte, “o artista-pesquisador *em arte* estabelece uma relação direta com o objeto de pesquisa, que é ele próprio em sua expressão artística” (MILLER, 2012, p. 126). *Ojalá*⁵ que os sonhos inundem meus retratos!

AS MARGENS DE LÁ

Não importa quantos mapas, imagens, planos e projetos temos, não há como prever exatamente como o processo criativo se desenvolverá. O desconhecido tem o seu charme e o seu lado assustador. De minha parte, desejo continuar a criação de autorretratos performáticos com meu celular, inspirada pelos meus sonhos, ora deitada na minha cama, me cobrindo com os materiais naturais da cidade de Rota, na Espanha, ora deitada nas paisagens. Mas quais materiais? Quais sonhos? Em quais paisagens?

As palavras de Jussara Miller, nas aulas do Curso de Especialização na PUC, me inspiram a adentrar este território de perguntas: experimentar é mais importante do que ter certezas, pois afinal a pesquisa muda de um dia para o outro. Klauss Vianna também aponta para este caminho:

Insisto que o mais importante do que o desfecho do processo é o processo em si, pois normalmente somos levados a objetivar nossas ações a ponto de fixarmos metas e finalidades que acabam impedindo a vivência do próprio processo, do rico

⁴ Desde 2018, estudo a criação de fotoperformances (ou autorretratos performáticos) como parte da minha iniciação científica no Centro de Artes e Educação Célia Helena, que desaguou na concepção do site www.corpoespelhos.com.br.

⁵ Expressão espanhola utilizada para expressar o desejo que algo aconteça (tomara que).

caminho a ser percorrido (VIANNA, 2018, p. 100).

É preciso recuperar o fôlego quantas vezes for necessário para deixar de lado a *fixação* de uma ideia a fim de escutar essas novas terras. Passo a primeira semana a caminhar por entre as dunas de areia e as vastas praias da cidade de Rota⁶. Penso pouco nas fotografias a serem realizadas. Conhecer o lugar e se conhecer no lugar. O corpo a se transformar e, ao mesmo tempo, transformando estas paisagens. Deixar-se levar por esses fluxos, por aquilo que chama o seu olhar, que te toca e te interessa. Greiner e Katz nos ajudam a compreender o corpo como um sistema aberto que está em constante transformação. Neste fluxo que nunca descansa, corpo e ambiente se contaminam mutuamente. Os sentidos se aguçam para a percepção destes *cruzamentos e negociações*:

O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda a informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado destes cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas (GREINER e KATZ, 2005, p. 131).

Meu corpo com tantas histórias, sentimentos e sonhos, caminhando por estas paisagens que nunca olhei, nunca pisei. Estas paisagens, com tantas trajetórias de outros corpos, envolvendo o meu corpo – desconhecido por elas. Neste não conhecer, nos encontramos.

A ESCUTA DE SI

Para que o encontro possa realmente acontecer, é preciso se escutar.

Se não conseguirmos estabelecer um contato consciente com o nosso eu interior, contato que normalmente se perde a partir da infância, ficamos impotentes e incapazes de criar um verdadeiro diálogo, seja ele qual for. [...] O fato de cada pessoa ser, em síntese, o próprio mundo, um microcosmo, permite que ela encontre respostas para suas dúvidas, paixões e ansiedades quando mergulha com coragem e técnica em seu universo interior (VIANNA, 2018, p. 114).

Mergulhar no seu universo interior é se perceber, observando as transformações que acontecem a todo momento no corpo. Na Técnica Klauss Vianna, se escutar é o primeiro passo para o jogo com o espaço, com os parceiros de cena e, mais tarde, com os observadores. Ou seja, a escuta de si está sempre presente na Técnica Klauss Vianna e faz parte da construção e manutenção da presença cênica. Vale lembrar que Miller se dedica a investigar estes processos,

⁶ Rota é um município da Espanha, na província de Cádiz.

tanto na dança quanto no teatro e na performance.

Nos estudos da presença em sala e em cena, Miller desenvolveu uma estratégia didática para entender a gradação da escuta do corpo e os processos que acontecem, de forma simultânea, a partir dos estados de atenção. Para estudar a manutenção da presença, Miller diferencia os estados de atenção da seguinte maneira: Estado 1 de atenção – perceber o corpo e seus processos a cada instante; Estado 2 de atenção – perceber o espaço e suas diversas ambiências; Estado 3 de atenção – a relação com o outro; Estado 4 de atenção – perceber e observar a cena e suas variáveis ao estar em cena (LASZLO e MILLER, 2016, p. 160).

Dessa forma, os quatro estados de atenção não são excludentes entre si, pelo contrário, eles se configuram em rede: aí está o desafio do estudo da presença. A estratégia didática de Miller auxilia os estudantes a pesquisarem a presença cênica, percebendo a cada momento quais estados de atenção precisam ser aguçados.

Mas voltemos para o primeiro estado de atenção: perceber o corpo e suas transformações a cada instante. Por que não mergulhar nos sonhos para nos escutarmos? Em seus estudos, Sidarta Ribeiro afirma que “o sonho é essencial porque nos permite mergulhar profundamente nos subterrâneos da consciência. Experimentamos no transcórrer deste estado uma colcha de retalhos emocionais” (RIBEIRO, 2019, p. 15). Dessa forma, sonhar também é uma experiência concreta, que nos afeta e reverbera por todo o corpo. “A parte lógica do cérebro acordado sabe que o sonho não era real, mas para a parte emocional do cérebro, o que sonhamos realmente nos acontece” (RIBEIRO, 2019, p. 118). Assim, sonhar também transforma o corpo. Se escutar também é se permitir dormir, se abrir para sonhar, lembrar do sonho, narrar o sonho, escrever o sonho e (por que não?) criar a partir do sonho. E a cada uma destas ações, o corpo se transforma, em um constante fluxo de contaminação com seu entorno.

Além disso, ao sonhar, experienciamos diferentes potências de criação que rompem com a lógica do controle: “O sonho é a imaginação sem freio, nem controle, solta para temer, criar, perder e achar” (RIBEIRO, 2019, p. 18). Assim, adentrar o mundo dos sonhos, se torna uma maneira de validar nossa liberdade e nossa potência de invenção.

No entanto, a ausência única e temporária daquele que dorme preserva sempre um liame com o futuro, com uma possibilidade de renovação e, assim, de liberdade. É um intervalo no qual vislumbres de uma vida não vivida, ou de uma vida adiada, podem vir à consciência de forma sutil (CRARY, 2016, p. 136).

Vislumbrar estes novos mundos que apenas vemos com os olhos fechados, em um estado corporal diferente daquele que experimentamos na vigília. Criar a partir dos sonhos é uma possibilidade de reencontrar pedaços deste oceano. O caminho, todavia, não está indicado. Afinal, por onde ir?

Respiro pela última vez e vou mergulhando, de olhos fechados, nesta escuridão salgada. Meu corpo se funde nestas águas povoadas por estranhos bichos marinhos que me observam de longe e de perto sem que eu os note. Uma barbatana de um peixe gigantesco passa pela minha barriga me causando cócegas. Contenho o riso para não me distrair do meu caminho. Mas é impossível: sinto vários peixes e baleias me envolverem com suas escamas e peles viscosas, algas passeiam pelos meus cabelos, pequenos moluscos pousam nos meus olhos. Por um momento esqueço que preciso respirar. Poderei viver aqui? Neste emaranhado de seres coloridos e ofuscados pela escuridão? (Diário de Bordo, 18/01/2020).

Impossível viver apenas nos sonhos. A vigília também nos chama, assim como o ar que precisamos respirar. De qualquer modo, sonho e vigília se complementam e, em ambos, estamos em processo de criação e processamento da realidade. “Fechados e adormecidos, os olhos veem. Por isso, seja mais adequado dizer que o psiquismo humano não cessa de criar e processar a realidade, às vezes sonhando e às vezes acordado” (PRECIADO, 2019, p. 18). E, se os sonhos são parte importante da nossa vida, por que não os pensar como forma de encontro e de inspiração para a criação artística? Ao compartilhar nossos sonhos e criações com os outros, podemos experienciar outras formas de encontro, diferentes daquelas pautadas apenas pela vigília. *Ojalá* que os sonhos nos ajudem!

Mas, claro, adentrar os sonhos nem sempre é uma tarefa fácil. Muitas vezes, eles nos revelam sentimentos, sensações ou situações que nos geram desconforto, dúvida, angústia etc.

É difícil vivenciar com intensidade nossas emoções e sentimentos mais profundos. Por vezes, esse enfrentamento assume a conotação de um risco, que nem todos estamos dispostos a correr. Acostumados a introjetar a ordem à nossa volta, habituamo-nos a não olhar, não ouvir, não sentir intensamente e desprezar a importância dos fatos e acontecimentos menores, quase imperceptíveis – embora fundamentais (VIANNA, 2018, p. 70).

Quantas vezes optamos por não olhar os nossos próprios sonhos? Vianna nos aponta para a importância de aguçar nossos sentidos como forma de abrir espaços internos, possibilitando trocas e diálogos com o mundo ao nosso redor.

Esta percepção está em sintonia com o trabalho pedagógico e artístico de Vianna, que buscava justamente “dar espaço para a manifestação do corpo como um todo, com os conteúdos da vida psíquica, das expressões dos sentidos, da vida afetiva” (VIANNA, 2018, p. 150).

Investigar a escuta de si em novos territórios, outras margens; aguçar a percepção do real (destes novos espaços) e das memórias oníricas – que, afinal, também nos afetam e nos transformam. E, a partir desta sensibilização, criar.

A ESCUTA DO ESPAÇO

Continuando os estudos de Miller sobre a manutenção da presença, chegamos ao *Estado 2 de atenção*: perceber o espaço. Na Técnica Klaus Vianna, a atenção ao espaço é fundamental, visto que corpo e espaço se contaminam mutuamente, alterando-se a cada instante.

Nesse processo de descoberta do próprio corpo, incentivo meus alunos a observarem o espaço no qual transcorre a aula, a tentar sentir o clima da sala, sentir a relação com colegas e professor, como são as pessoas, notando sempre que experimentar novos lugares no ambiente leva também a novas sensações e referências físicas (VIANNA, 2018, p. 138).

Caminhar para descobrir como as paisagens de Rota podem dialogar com o projeto dos autorretratos performáticos. Se abrir para a pergunta: o que esses espaços trazem de novo? Os pés que me levam por novos chãos, por lugares que me chamam a atenção pelas suas luzes, cores, formas, linhas, temperaturas etc. Regar constantemente este diálogo com o lugar, não impondo uma ideia pré-concebida sobre ele. E, depois de alguns dias, encontrar: conchas, pedras, algas e paisagens. Aos poucos, percebo como estes objetos são diferentes entre si, estranhos e belos para o meu olhar. Resquícius do mar.

Acordo os meus sentidos, sem ignorar o mundo que me cerca. “O despertar sensorial vai trazendo o aluno para o mundo do aqui-agora, instaurando um corpo vivo e atento” (MILLER, 2016, p. 61). Reconheço este chão em que caminho. A ideia amadurece. Decido trabalhar a partir do sonho *Mar*, escrito há 1 ano. Sonho que, volta e meia, retorna, com algumas variações. Sonho em que eu mergulho com desejo no oceano, para logo depois fugir da sua raiva imensa, que me engole por inteira. O mar, este companheiro de tantas aventuras na infância, que retorna ao meu dia a dia, nesta cidadezinha espanhola. Separo a criação dos autorretratos em dois trabalhos: o primeiro, deitada na minha cama, cobrindo meu rosto com os resquícius do mar (a cada sessão com os restos de uma determinada praia de Rota); o segundo, deitada em diversas paisagens de

Rota que lembram o meu sonho.

Abraçar o desconhecido, por menor que ele seja, para aguçar a percepção do espaço e, ao mesmo tempo, aguçar a percepção de si mesmo. Abrir espaços para novas trocas com o mundo, despertando os nossos sentidos adormecidos e experimentando movimentos diferentes, quebrando padrões de movimento e de trocas com o mundo, criando artisticamente.

ANDAR E OLHAR E ESCOLHER

Na Técnica Klaus Vianna, ressalta-se a importância de tocar os pés, muitas vezes esquecidos, no cotidiano, dentro de meias e calçados desconfortáveis. “Para mim o ponto mais importante do corpo são os pés. Por isso proponho que comecem o trabalho com uma massagem, para sentir os pés, a forma, a sensação tátil, as diferentes possibilidades de movimentação dos pés, (...)” (VIANNA, 2005, p. 136).

Em Rota, são os meus pés que me levam a explorar as novas paisagens para coletar os materiais, escolher os enquadramentos das fotos que serão feitas ao ar livre e ser fotografada por Ana Jurcevic e Sandy Ceesay. Ao prestar atenção nas sensações do caminhar por estas novas terras, é possível entrar em outro ritmo, para olhar e realmente ver o que há ao nosso redor. E, com isso, escolher.

Meus olhos atentos se deixam encantar pelas conchas e pedaços de corais. Cada concha coletada é um recorte deste mundo, desta praia em que eu escolhi estar. A princípio me chama atenção os formatos mais familiares, depois vou me abrindo para as formas mais inusitadas, que mais me provocam pelas suas estranhezas e singularidades (Diário de Bordo, 12/01/2020).

Ao ativar o apoio dos pés, pode-se ampliar o campo de visão, além de experimentar uma nova forma de olhar, muito diferente do olhar vidrado que estamos acostumados a ter no dia a dia, em que passamos indiferentes pelos detalhes ao nosso redor.

Enfim, com o apoio ativo dos pés e o olhar atento, faço escolhas. Elas são inevitáveis e me acompanham também durante o processo de tirar as fotografias no meu quarto. “É fundamental pensar a criação como um processo de escolhas, no sentido de seleção e digestão de tudo o que foi e é experimentado” (MILLER, 2012, p. 121).

Apurar o olhar para escolher quais pedras, conchas e algas ficarão em cada parte do meu rosto e do meu dorso, em cada parte do travesseiro. Mais uma vez, eu seleciono formatos, cores e texturas desses objetos, mas agora comendo com meu

corpo para formar a imagem capturada pelo meu celular (Diário de Bordo, 13/01/2020).



Figura 1. Entre Mares I, Autorretrato performático Carmen Estevez, 2019.

O olhar que seleciona a todo instante, seja ao ar livre, seja mediado pela câmera do celular. Coberta pelas conchas e algas, meu olho esquerdo varre a tela do celular para observar a imagem que tento captar com a ajuda do pau de selfie. Finalmente, fecho meu único olho descoberto e aperto o botão disparador da câmera. Durante os disparos, meu corpo inteiro está atento e presente. Procuo relaxar minha face e meu corpo. Mas este relaxamento não é igual a abandonar o corpo. Afinal de contas, estou a criar.

A ESCUTA DA CENA E A ESCUTA DO OUTRO

Voltando para os estados de atenção, em suas aulas, Jussara Miller pesquisa com os alunos o quarto estado de atenção, que é “perceber e observar a cena e suas variáveis ao estar em cena” (LASZLO e MILLER, 2016, p. 160). Dessa forma, nas aulas de Técnica Klauss Vianna, é fundamental trabalhar os quatro estados de atenção em conjunto, lembrando também da presença do observador. Ou seja, a cena é compartilhada com os observadores, em um encontro de presenças. Assim, no processo criativo com Miller, trabalhamos a observação

durante a própria ação cênica. O aluno pesquisador sabe que está em cena, ou seja, que compõe com o espaço e com seus colegas, sempre em relação aos observadores que, por sua vez, também imprimem o seu olhar na cena, em um processo de comunicação.

Trago estas vivências na PUC para o ato de me fotografar na cama. Deitada no meu quarto, coberta pelos materiais, sei que estou a criar uma imagem que será captada pela câmera. Esta atenção para construir as imagens fotográficas não exclui a escuta do corpo em relação ao espaço e aos materiais do mar. Assim, me escutar (lembrando do meu sonho *Mar*), escutar os materiais (aguçando minha sensibilidade em relação às suas texturas, cores, cheiros etc.), escutar o espaço (perceber as relações entre meu corpo e a cama, os lençóis, o travesseiro e as paredes) e investigar a criação de uma imagem fotográfica por mim mesma (olhar para a tela do celular para perceber a imagem que está em enquadramento, me ajustar em relação ao celular ou alterar a posição do celular) não são ações excludentes. É preciso, sim, dar o tempo para cada uma delas. A meu ver, estes estados de atenção se potencializam, aguçando a sensibilidade da performer em relação a todo o processo de criação.

Deitada nas paisagens de Rota, eu também crio imagens, mas agora com a ajuda de Ana Jurcevic e Sandy Ceesay para tirar as fotografias. Sei que estou sendo fotografada, ao mesmo tempo que escuto meu corpo. Ana e Sandy são os observadores privilegiados destas imagens. Depois deles, sou eu quem vê as fotografias. A seguir, há os outros que verão as imagens que selecionei e editei. Se tradicionalmente nas artes cênicas, observadores e artistas compartilham o mesmo tempo e espaço (deixo de lado as experiências virtuais que aconteceram durante o isolamento social), os observadores desses autorretratos não necessariamente compartilham o mesmo espaço e tempo em que estou. Sem o meu conhecimento, outras pessoas podem ver a minha criação. Dessa forma, pesquiso o quarto estado de atenção em relação a estes observadores que estão *por vir*. E as imagens criadas remetem à uma ausência minha: as fotografias congelam instantes do tempo/espaço que não voltam mais. Só conseguimos acessá-los a partir das imagens. No fundo, estes autorretratos articulam presença e ausência. E, mesmo se refizesse os autorretratos, me atentando aos mínimos detalhes, eles nunca sairiam idênticos, pois já não sou a mesma, e tão pouco o espaço e os materiais. O tempo se infiltra em tudo.

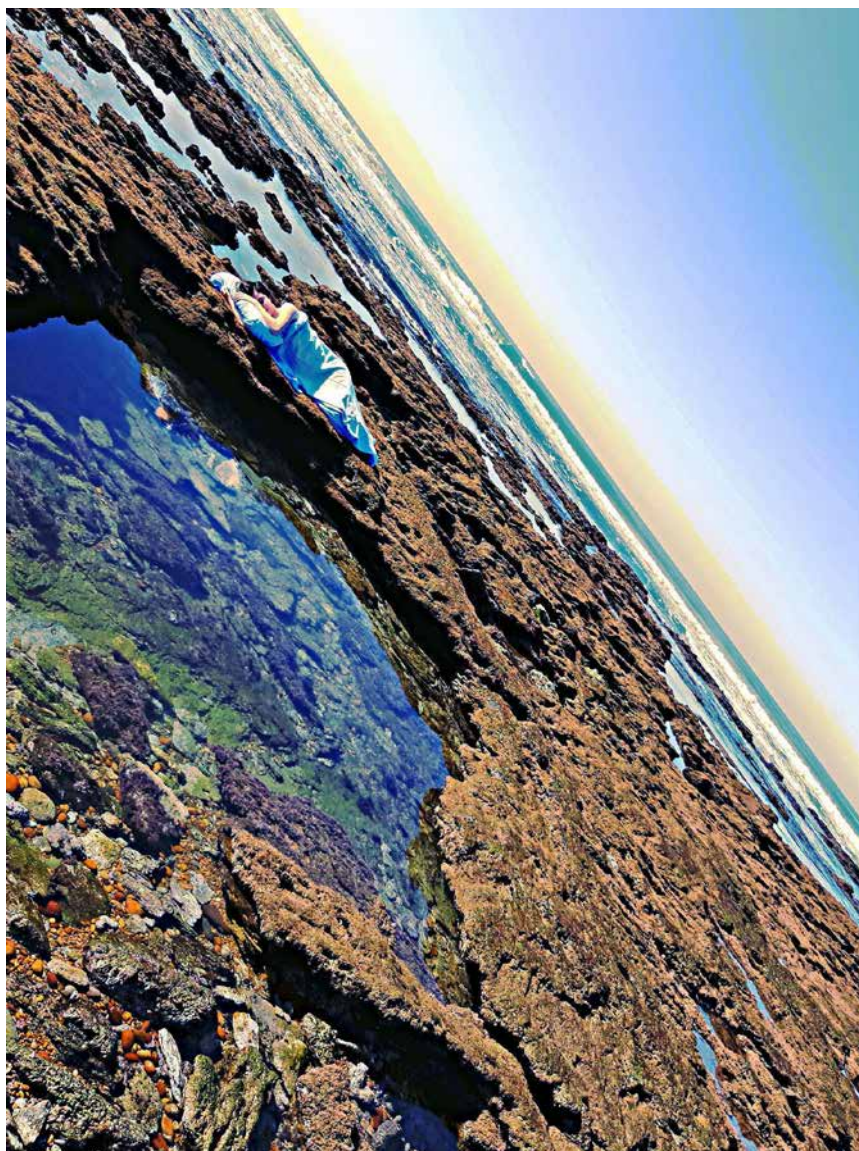


Figura 2. Ninar a Mares, fotoperformance Carmen Estevez. Fotografia Ana Jurcevic e Sandy Ceesay, 2019.

Os olhares de Ana e Sandy foram muito importantes para o desenvolvimento do trabalho. Na Técnica Klauss Vianna, busca-se investigar os encontros entre os corpos, aproveitando novas possibilidades de movimento, de pensar e criar que surgem de cada troca. Neste sentido, aponta-se a importância de reconhecer o eu e o outro na criação, rompendo a noção de criação individualista. Com a prática da Técnica Klauss Vianna, surge o interesse em se desafiar a entrar em contato e criar a partir de estímulos que não estamos acostumados, nos abrindo para outros pensamentos, movimentos e ficções. Outros países, outras línguas. Uma outra rede de trocas de experiências que se contaminam mutuamente, abrindo novos espaços e percepções.

REPETIÇÃO SENSÍVEL

A Técnica Klauss Vianna instiga os alunos a explorar “a repetição consciente e sensível como a desconstrução do habitual mover-se para a construção do instante dançante” (MILLER, 2012, p.122). Ou seja, aqui a repetição não é vista como algo mecânico, ao contrário, durante a repetição de um movimento podemos aguçar nossa sensibilidade, percebendo de grandes a pequenas mudanças que acontecem no corpo e no ambiente.

Dessa maneira, “o que importa na repetição sensível é o percurso” (MILLER, 2012, p.123). A cada passo que dou já não sou a mesma, assim como o ambiente ao meu redor. Aguçar essa percepção nos ajuda a vivenciar, a mergulhar nos detalhes do processo de criação, potencializando nossa experiência artística. A cada vez que colocava os materiais do mar no rosto, me interessava despertar os sentidos para perceber os detalhes de cada concha, pedra e alga, por mais parecidas que fossem. Dessa forma, se nós e o ambiente estamos em constante transformação a partir de múltiplas contaminações, querendo ou não, percebendo ou não (GREINER, 2005), enquanto artistas é importante aguçar nossa percepção para tais mudanças, a fim de enriquecer os processos criativos.

Despertar esta percepção nos instiga a criar uma relação diferente com o tempo, com o ambiente e com nós mesmos. Perceber os detalhes de cada experiência desperta a nossa curiosidade e nos instiga a continuar investigando novas possibilidades. Trabalhando com a repetição sensível, cada ação, cada gesto, ganha novas nuances: selecionar os materiais a serem usados, colocar os materiais no rosto, procurar enquadramentos na paisagem, reencontrar com estas paisagens para tirar as fotos, editar as imagens e assim por diante.

PRESENÇA: REDE DE ESCUTAS

Escuta de si, do espaço, do outro e da cena, trabalhando sempre com a repetição sensível. Nesta rede de percepções que é construída e mantida a presença na Técnica Klauss Vianna. Na verdade, esta rede é constituída por muitos outros elementos. Para a presente reflexão, ficamos com estas noções e as ações de andar, ver e selecionar. Vale lembrar que o estado de presença é volátil, efêmero, em constante fluxo de transformação. Ele não surge do nada, é preciso tempo para a sua construção. Também pode-se perdê-lo a qualquer momento, o que não impede a sua reconstrução. Assim, o estado de presença está em constante reatualização.

Me apoio nesta rede de escutas para construir o meu estado *presente* de criação nesta nova cidade. Para tal, é preciso construir uma outra rede

de escutas neste novo espaço, com estas pessoas e comigo mesma. Aliás, entendo que a criação artística, seja em qualquer linguagem, pressupõe a construção e manutenção do estado de presença. Ambos são frágeis e voláteis, se transformando a cada momento. Cabe a nós nos escutar e se abrir para as trocas com o mundo que nos cerca, tanto nas aulas de Técnica Klauss Vianna quanto fora delas.

A partir da escuta do corpo, proponho a estesia do movimento no sentido amplo da experiência. Sentir, degustar cada momento, o corpo sensível, o corpo em experiência, o corpo em estado de presença (MILLER, 2014, p. 15).

O corpo sensível, atento, *presente*, permite explorar o mundo de diferentes maneiras, desconstruindo uma série de hábitos, padrões e modos de compreensão (MILLER, 2014). A meu ver, a construção deste estado reverbera no processo de criação artística em qualquer tipo de linguagem, inclusive na performance.

Para além de fórmulas de produtividade que muitas vezes pregam a máxima produção no menor tempo possível, como performer me coloco neste constante desafio de *escutar e estar presente* durante o processo de criação, que, com o passar do tempo, ganha novos contornos.

PERFORMAR E DESABITUAR

Eleonora Fabião aponta para a potência da performance:

des-habituair, des-mecanizar, escovar à contra-pêlo. Trata-se de buscar maneiras alternativas de lidar com o estabelecido, de experimentar estados psicofísicos alternados, de criar situações que disseminam dissonâncias diversas: dissonâncias de ordem econômica, emocional, biológica, ideológica, psicológica, espiritual, identitária, sexual, política, estética, social, racial... (FABIÃO, 2009, p. 237).

Se a potência da performance é desabituar, justamente para experimentar e ressaltar discordâncias com a ordem estabelecida vigente, é importante que a performer, enquanto criadora, também experiencie des-mecanizar o seu próprio corpo. Assim, o estudo da construção e manutenção da *presença* na Técnica Klauss Vianna, investigando as inúmeras relações entre os quatro estados de atenção, revela a potência de desautomatizar o corpo da performer, abrindo outras possibilidades de mover, pensar e criar, em uma rede não hierárquica de ações. Dessa maneira, a performer é convidada a acordar o corpo, desestruturando uma série de padrões. “Em geral, mantemos o corpo adormecido. Somos criados

dentro de certos padrões e ficamos acomodados naquilo. Por isso digo que é preciso desestruturar o corpo; sem essa desestruturação não surge nada de novo” (VIANNA, 2018, p. 77). Despertar para si mesmo, para os seus sonhos, os outros, o ambiente e a criação, é um estudo que requer tempo e disposição de encarar o corpo do dia, lembrando da noção de *processualidade* apontada por Jussara Miller. Afinal, a performer também está suscetível a uma série de condicionamentos sociais e culturais. A Técnica Klauss Vianna se mostra um potente caminho para abrir brechas nesses papéis sociais e culturais pré-estabelecidos. Dessa maneira, a experiência e prática contínua da Técnica Klauss Vianna potencializa a criação artística da performer, no sentido de tecer outras relações corpo-mundo, chegando inclusive a constranger a ordem social vigente.

Nesse sentido, um corpo livre de condicionamentos e dono de suas expressões, em alguma medida revela-se um incômodo à ordem social existente, uma vez que busca recuperar a percepção da totalidade dentro de uma sociedade fundada exatamente na fragmentação (VIANNA, 2018, p. 127).

ENTRE MARGENS

A Técnica Klauss Vianna se mostra um leito fértil para aguçar e instigar o processo de criação artística da performer, que pode valer-se de diferentes linguagens artísticas para evidenciar as relações corpo-mundo. Assim, a prática da Técnica Klauss Vianna pode aguçar a percepção sensorial da artista, desestruturando uma série de hábitos e padrões de movimento e pensamento. Tais abordagens e princípios fomentam a criação de novos pontos de vista sobre as relações corpo-mundo. E são justamente estes novos olhares que a performer busca criar no seu processo artístico. Dessa forma, o estudo da construção e manutenção da presença na Técnica Klauss Vianna, a partir das relações entre os quatro estados de atenção articulados por Jussara Miller, guardam a potência de provocar o corpo da performer, despertando seu corpo sensível. Neste mergulho na escuta de si, dos sonhos, do espaço, do outro e da cena, a performer é movida a criar outros mundos, outras combinações que revelam dissonâncias e problematizam a realidade. Enfim, ela é movida a conhecer, a se surpreender, a estranhar e a perguntar, instigando outras pessoas (artistas ou não) fazerem o mesmo.



Figura 3. Entre Mares II, autorretrato performático Carmen Estevez, 2019.

REFERÊNCIAS

CRARY, Jonathan. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

FABIÃO, Eleonora. Corpo cênico, estado cênico. **Revista Contrapontos**, Itajaí, SC., v. 10, n. 3, p. 321-326, set. 2010.

_____. Performance e Teatro: Poéticas e Políticas da Cena Contemporânea. **Sala Preta**, v. 8, p. 235-246, nov. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v8i0p235-246>. Acesso em: 7 de abr. 2020.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005.

GREINER, Christine; KATZ, Helena. Por uma Teoria Corpomídia. In: GREINER, C. **O Corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2005, p. 125 – 133.

LASZLO, Cora; MILLER, Jussara. A SALA E A CENA: a importância pedagógica de processos criativos em dança e educação somática. **Caderno do GIPE-CIT**, ano 20, n. 38, p. 150 – 167, 2016.

LEMONS, Jessica Oliveira. **Corpo, imagem e performatividade na fotografia: um estudo sobre a linguagem da fotoperformance**. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) - Universidade Federal de São João Del-Rei, 2019.

MASP Palestra. **Diálogos entre dança e artes visuais com Jussara Miller**
– MASP – Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JO_WoClbyeE.
Acesso em: 15 de jun. 2020.

MILLER, Jussara. **A Escuta do Corpo** – sistematização da Técnica Klauss Vianna. 2º ed. São Paulo: Summus Editorial, 2007.

_____. **Qual é o corpo que dança?** – Dança e educação somática para adultos e crianças. São Paulo: Summus Editorial, 2012.

PRECIADO, Paul. **Un apartamento en Urano**. Barcelona: Editorial Anagrama, 2019.

RIBEIRO, Sidarta. **O Oráculo da Noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

VIANNA, Klauss; em colaboração com Marco Antonio de Carvalho. **A Dança**. São Paulo: Summus Editorial, 3º ed., 2005.